

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Milca Barreto de Lima Muri

**SÍNDROME DE ASPERGER E A INTERAÇÃO SOCIAL:
análise de propostas inclusivas**

Porto Alegre
1. Semestre
2016

Milca Barreto de Lima Muri

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: *Profa. Dra. Liliana Maria Passerino*

Porto Alegre
1. Semestre
2016

Para Davi e demais crianças que, ainda terei o prazer de conhecer e aprender. Por vocês, seguirei neste caminho. Certa de que, não há barreiras onde existe AMOR.

AGRADECIMENTOS

... A DEUS, o autor e consumidor da minha fé...

... À Professora Liliana Passerino, que gentilmente aceitou o convite em me orientar e, por me conduzir com muita sabedoria na realização deste trabalho...

... Às Professoras Cláudia Rodrigues de Freitas e Daniele Noal Gai que prontamente se disponibilizaram para avaliar meu trabalho...

... Às minhas queridas amigas e colegas Camila Mette, Margarete Duarte e Soeli Walter, companheiras durante os quatro anos de graduação e que fizeram a diferença em minha caminhada...

... Ao meu esposo Vinicius Muri que me incentivou a seguir no caminho da educação e por ser um comonaheiro em todos os momentos...

... À minha mãe Reni Barreto que sempre esteve ao meu lado me apoiando. Ao meu pai Claudionor Lima por preocupar-se comigo e me apoiar também. Aos meus irmãos Bárbara e João Pedro, e a minha sogra Aidema que muito me ajudou nestes quatro anos...

... Aos Professores que me ensinaram e me fizeram refletir durante toda a graduação...

*É impossível apoiar-se no que falta a uma criança,
naquilo que ela não é.*

*Torna-se necessária ter uma ideia,
ainda que seja vaga,
sobre o que ela possui,
sobre o que ela é.*

Vygotsky

RESUMO

A presente pesquisa se encontra na área da Educação Especial e Inclusão. Focalizada nas práticas pedagógicas realizadas para a inclusão de um aluno com Síndrome de Asperger. Realizadas no segundo semestre do ano de dois mil e quinze, em uma turma de segundo ano do ensino fundamental, do município de Porto Alegre. Destacando a importância do Atendimento Educacional Especializado nas escolas, assim como o trabalho em conjunto com toda a gestão escolar e com a família. Tais propostas surgiram a partir de observações de práticas excludentes em sala de aula durante o período do estágio de docência obrigatório do curso de pedagogia. Propostas estas, que formaram um projeto baseado na visão de mundo do aluno com Síndrome de Asperger, juntamente com as necessidades da turma e que visavam a inclusão do aluno com Asperger no grande grupo, assim como o entrosamento da turma no projeto realizado. A linha de pesquisa se configura como de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Obtidas através da análise documental de um diário de campo reflexivo e produções dos alunos. Documento de muita importância na obtenção de dados para a realização desta pesquisa. Como resultado destaco o entrosamento do grupo com o colega que até então, era excluído das práticas socializadoras em sala de aula e fora dela. Tais propostas fizeram com que, aos poucos a turma começasse a entender que todos eram importantes no grupo. Surgindo assim, produções muito interessantes sobre o tema proposto, e que só se realizaram com o engajamento total da turma.

Palavras-chave: **Síndrome de Asperger. Inclusão. Práticas Socializadoras.**

MURI, Milca Barreto de Lima. **Síndrome de Asperger e a Interação Social: Análise de propostas inclusivas.** Porto Alegre, 2016. 45f. Trabalho de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 08 |
| 2 | SÍNDROME DE ASPERGER | 10 |
| 3 | ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO | 16 |
| 4 | METODOLOGIA | 21 |
| 4.1 | DO CONTEXTO | 23 |
| 4.2 | PERFIL DO SUJEITO | 25 |
| 5 | MERGULHANDO NO MUNDO DOS ANIMAIS | 30 |
| 5.1 | PROPOSTAS DE INCLUSÃO | 32 |
| 5.2 | ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS | 33 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| | REFERÊNCIAS | 44 |

1 INTRODUÇÃO

Com muita alegria chego na oitava e última etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia para apresentar minha pesquisa. Que surgiu a partir da experiência que vivenciei no segundo semestre do ano de dois mil e quinze, onde realizei meu estágio obrigatório.

Que teve como cenário uma escola municipal da cidade de Porto Alegre, na qual fui estagiária em uma turma de segundo ano, com vinte e um alunos. Entre eles, estava meu sujeito de pesquisa. Uma criança com Síndrome de Asperger.

A partir das observações em sala de aula e em todo o âmbito escolar, percebi que este aluno sofria muito com o afastamento de seus colegas em relação a ele. Tentava de todas as formas, alimentar o interesse que ele possuía por um tema que dominava seus pensamentos diariamente, os animais. Mas isso só fazia com que seus colegas não desejassem ter a sua presença por perto.

O que resultava na rejeição da turma para com os animais, pois estava associado ao fato de não gostarem da forma que, o aluno com Síndrome de Asperger agia para tentar se aproximar da turma.

Todos estes acontecimentos foram alimentando em mim um interesse em elaborar um projeto que, tivesse como objetivo central a inclusão deste aluno, pois não poderia deixar que práticas excludentes fossem alimentadas diariamente.

Então, decidi realizar um projeto sobre o tema preferido do meu sujeito de pesquisa, a fim de envolver a turma a tal ponto que, a presença daquela criança não fosse considerada um incômodo, mas sim fundamental para o grupo, assim como todos os pertencentes daquela turma.

E para o entendimento dos leitores, este trabalho foi dividido da seguinte forma: na primeira parte trago contribuições de autores a respeito da Síndrome de Asperger, que faz parte atualmente dos Transtornos do Espectro Autista. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que também será abordado neste capítulo.

O segundo capítulo é reservado para a legislação a respeito do Atendimento Educacional Especializado, assim como as legislações que surgiram para nortear essa modalidade de ensino tão importante, chamada Educação Especial.

No terceiro capítulo, explanarei minha metodologia de pesquisa. Um estudo de abordagem qualitativa, que tem como seu método de pesquisa o estudo de caso. Com base na análise dos documentos obtidos por mim durante o estágio, como o diário de classe. Documento elaborado a partir das observações iniciais com a turma e que estava sendo continuamente construído por mim. Também neste capítulo, será possível conhecer o contexto desta pesquisa. Assim como, o perfil do sujeito que deu origem a mesma.

Já se encaminhado para o fim, no quarto capítulo são apresentadas algumas das propostas realizadas por mim, com intuito de não alimentar as violências, mas sim de movimentar a turma, a fim de promover manifestações de afeto e produzir consciência da importância do trabalho em grupo.

Ainda neste capítulo será possível encontrar as imagens das atividades resultantes das propostas realizadas durante o estágio com meu sujeito de pesquisa, que surpreendeu com tamanha habilidade em criar histórias e desenhos dignos de um artista. Assim como, imagens de produtos finais contruídos coletivamente com a turma.

E por fim, no último capítulo será possível encontrar a uma avaliação das práticas inclusivas realizadas através do projeto de prática docente. Análises feitas a partir das impressões feitas por mim em um diário reflexivo. Documento essencial para a elaboração desta pesquisa.

2 SÍNDROME DE ASPERGER

Este estudo diz respeito a intervenções realizadas por mim em meu estágio obrigatório. Tais intervenções foram realizadas com intuito de fazer com que, um aluno com Síndrome de Asperger se sentisse parte realmente de um grupo, mais especificamente, participante de sua turma. Mas para que consigamos compreender como foram feitas estas intervenções, é preciso entender do que se trata esta síndrome.

A Síndrome de Asperger está considerada na generalidade, como uma forma de autismo e recebe o nome do pediatra austríaco que a descobriu nos anos 40. As crianças com quem trabalhava Asperger, tinham dificuldades consideráveis para se relacionarem e comunicarem com os outros.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM¹ – Versão IV), as crianças podiam ser diagnosticadas com cinco diferentes transtornos, que eram denominados Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

E qual era a definição de estudante com transtornos globais de desenvolvimento? De acordo com o (INEP 2011), “são estudantes que apresentam alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras”. Incluíam-se nessa definição estudantes com Autismo Infantil, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett e Transtorno Desintegrativo da Infância.

Com o lançamento da 5ª edição do DSM, os subtipos dos transtornos do espectro do autismo são eliminados. Os indivíduos são agora diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. O DSM-V passa a abrigar todas as subcategorias da condição em um único diagnóstico guarda-chuva denominado Transtorno do Espectro Autista – TEA.

¹ Manual para profissionais da área da saúde mental, que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association - APA). É usado ao redor do mundo por clínicos e pesquisadores. Existem cinco revisões para o DSM desde sua primeira publicação em 1952.

A Síndrome de Asperger não é mais considerada uma condição separada e o diagnóstico para autismo passa a ser definido em duas categorias: alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.

E que pode ser subdividido em grau leve, moderado e severo. Ainda nesta nova revisão, os atrasos de linguagem não fazem parte do diagnóstico dos transtornos do espectro autista, pois segundo pesquisas, as crianças diagnosticadas com Asperger não apresentam dificuldades na linguagem em si, mas sim na linguagem pragmática, aquela que exige um entendimento das regras.

A classificação atual do DSM (V) TEA, traz apenas dois critérios a serem usados no diagnóstico: deficiências sociais e de comunicação; interesses restritos, fixos e intensos e comportamentos repetitivos. Que dependendo do grau (leve, moderado ou grave) possuem necessidades específicas.

E conforme Valdez (2009, p. 22) “Esta síndrome mostra de maneira dramática as consequências de produzir, na vida afetiva, na comunicação e nas relações sociais, os déficits de inteligência emocional ou social”.

Muitas são as consequências causadas pela Síndrome de Asperger, mas que não impedem os indivíduos de usufruírem do privilégio de conviver em sociedade. As crianças que possuem este diagnóstico, não devem ser vistas como diferentes.

É preciso compreender as limitações que podem ser apresentadas por aqueles que são diagnosticados com Asperger, afim de, encontrar maneiras de não realizar práticas excludentes em sala de aula. E sim, ressaltar as potencialidades que podemos encontrar nestas crianças e explorá-las.

Ainda segundo Valdez (2009, p. 22)

Entre as alterações que se vinculam com falhas em competências da mente, encontramos: Dificuldades para relacionar-se com iguais; falta de sensibilidade aos sinais sociais; alterações nos padrões de relacionamento expressivo não verbal; falta de reciprocidade emocional; dificuldades para compreender outras intenções e, especialmente, *duplas intenções*; dificuldades para interpretar enunciados não literal ou com duplo sentido; limitação importante na capacidade de adaptar as condutas sociais aos contextos de relação; dificuldades para saber o que conversar com outras pessoas; dificuldades para produzir emissões relevantes a situações e estados mentais de parceiros. Em pessoas com Síndrome de Asperger, as

alterações nestas competências são relativamente independentes da inteligência impessoal ou paradigmática.²

Como podemos ver, muitas são as alterações com falhas em competências mentais, com predominância nas relações sociais. Todas as alterações citadas são de suma importância para o desenvolvimento dos indivíduos. Sabemos que não é fácil viver em sociedade, pois ninguém é igual. Cada um tem seu jeito de ser, possui suas preferências e suas potencialidades. Somos indivíduos e temos o direito de viver em sociedade.

E na escola não pode ser diferente, pois é no contato com o outro e com as trocas que aprendemos. É saudável e muito importante o convívio com o grupo. As crianças não podem ser privadas desse contato, mesmo que não seja por vontade própria esse distanciamento.

Sabemos que, para os diagnosticados com Asperger, é muito dificultoso relacionar-se com crianças da mesma idade, impedindo assim, o bom andamento do contato social. E isso faz com que haja um distanciamento das brincadeiras em grupos, por não entender as regras implícitas dos mesmos. Preferindo brincar individualmente, podendo assim criar suas regras livremente.

Nós educadores em formação, devemos prestar muita atenção nestes momentos, um olhar observador é importantíssimo. Estar a par do que está acontecendo com todos nossos alunos, deve ser sempre uma preocupação de nós educadores.

Só assim, poderemos planejar e criar propostas que contemple o grande grupo, sabendo que cada um possui sua especificidade. E a partir disso, pensar em práticas que não produzam exclusão daqueles que apresentam condições diferentes.

Não é algo fácil. Estudar formas de criar propostas de acordo com cada grau, é fundamental. E para isso, a observação e o conhecimento do que acontece com

² Texto Original: Entre las alteraciones que se vinculan con las fallas em competencias mentalistas, encontramos: Dificultades para relacionarse con iguales; falta de sensibilidad a las señales sociales; alteraciones de las pautas de relación expresiva no verbal; falta de reciprocidade emocional; dificultades para comprender intenciones ajenas y, especialmente, *dobles intenciones*; dificultades para interpretar enunciados no literales o com doble sentido; limitación importante en la capacidad de adaptar las conductas sociales a los contextos de relación; dificultades para saber *de qué conversar* con otras personas; dificultades para producir emisiones relevantes a las situaciones y a los estados mentales de los interlocutores.

estes sujeitos, são determinantes no processo de aprendizagem e de socialização dos mesmos.

Precisamos compreender e conhecer o que faz parte do mundo destas crianças, só assim conseguiremos perceber e criar estratégias eficazes. E para compreendermos um pouco mais a Síndrome de Asperger, primeiramente é preciso entender e conhecer as características dos Transtornos do Espectro Autista, que muito tem se falado, mas que precisam realmente ser conhecidos, pois só assim conseguiremos elaborar um planejamento que contemple os alunos que são diagnosticados com TEA.

De acordo com Valdez (2009, p. 14)

Para as pessoas com TEA, a compreensão das emoções próprias e outras se convertem em uma empresa global; a conduta dos outros torna-se opaca, e suas intenções, difíceis de antecipar; a comunicação se apresenta como uma árdua prova e se torna dificultosa a interpretação de ironias, metáforas, piadas, sentidos figurados, e a literalidade se apropria do discurso de conversação; a relevância comunicativa torna-se um sujeito quase impossível de aprovação; e a pragmática e as habilidades sociais a ela ligadas, um território estrangeiro.³

Como podemos perceber no excerto acima, os indivíduos que apresentam Transtornos do Espectro Autista possuem uma certa dificuldade nas interações sociais, incapacitando-os para manter relacionamentos de amizade necessários para o desenvolvimento humano.

Fazendo com que o indivíduo se sinta inferiorizado, pensando que todos o reprovam, e não desejam ter a presença dele por perto e tão pouco solidificar uma amizade. Criando assim, um sentimento de interiorização dentro de si e diminuindo aos poucos a vontade de querer criar laços de amizade na escola.

Encontrando uma fuga naquilo que traz fascinação, pois é o que o faz bem. Centrando sempre seus pensamentos e ações em um mesmo assunto. Desejando que todos gostem e se interessem por algo que é fascinante para ele, ressaltando

³ Texto Original: Para las personas con TEA, la comprensión de las emociones propias y ajenas se convierte en una empresa muy completa; la conducta de los otros se vuelve opaca, y sus intenciones, difíciles de anticipar; la comunicación se presenta como una ardua prueba en tanto se vuelve dificultosa la interpretación de ironias, metáforas, chistes, sentidos figurados, y la literalidad se adueña del discurso conversacional; la relevancia comunicativa deviene en asignatura de una casi imposible aprobación; y la pragmática y las habilidades sociales a ella ligadas, un territorio extranjero.

assim, a importância das suas particularidades que, adorariam que fossem importantes para os colegas e futuros amigos.

E sabemos que é muito importante para as crianças as amizades construídas no âmbito escolar. Gostam de sentar ao lado daqueles colegas que consideram amigos, brincam no recreio e até dividem o lanche. E na maioria das vezes as amizades que solidificam, surgem na escola. Há amizades que nasceram na escola e perduram até a vida adulta.

Os amigos fazem brincadeiras e até piadas entre eles, e é natural, pois já estão acostumados a conviverem diariamente e já sabem como os amigos reagem com determinadas situações. Mas para aqueles que possuem os transtornos do espectro autista é um pouco mais difícil de compreender e aceitar estas brincadeiras que costumam estar presentes nos grupos de amigos.

É preciso ter um cuidado maior nestes casos, os colegas precisam compreender que, para estes colegas, é mais difícil controlar suas emoções, então é fundamental a temperança nas brincadeiras. E não quer dizer que as crianças com TEA não podem ter amigos e conviver com os demais, eles são capazes sim, basta que compreendamos as características e as limitações destas crianças. A convivência com os demais é essencial para o desenvolvimento de todas as crianças, assim como as amizades.

Amizades estas que, fazem o dia a dia da escola ser mais divertido e atraente para as crianças. Quem nunca desejou que as férias passassem rapidamente para poder encontrar os colegas, que se tornaram amigos para brincar e conversar? Isso é comum e muito prazeroso não somente para os alunos, mas para os professores.

Quem não gosta de estar em um ambiente onde há tranquilidade? Saber que há possibilidade de propor atividades em grupo, e que haja um entrosamento dos componentes é ótimo para o desenvolvimento da turma. E isso só será possível se os educadores exercitarem o olhar observador, para assim, perceberem o que acontece ao seu redor a fim de, criar estratégias que façam com que aquele aluno que apresenta dificuldades de socialização se sinta parte do grupo como os demais.

De acordo com o Guia Prático para a Síndrome de Asperger (2007, p. 11)

As crianças com S.A., costumam sentir-se perdidas ou confusas, quando têm tempo livre. O recreio e a hora da refeição, podem ser especialmente estressantes por causa da informalidade e do baixo nível de estruturação próprias destas situações. Isto pode conduzi-

los ao isolamento. Alguns podem ter dificuldade em entender as normas flexíveis, não escritas, porque se regem as atividades no pátio do recreio. Também lhes custa entender as “normas” que regem as relações com os outros.

Como podemos perceber, nos momentos em que há liberdade de tempo, como no recreio e na hora do lanche, as crianças com Síndrome de Asperger sentem-se estressadas pelo simples fato de não apresentarem uma estrutura para compreender as normas exigidas nestes momentos. Fazendo com que eles se isolem dos demais, e a companhia que sempre habite nesses momentos sejam os pensamentos ligados ao assunto que eles mais gostam.

3 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Nós educadores em formação, ao decorrer do curso, estudamos sobre as legislações educacionais que permeiam a educação especial. Que é uma modalidade voltada para atender alunos com necessidades educacionais especiais. E sabemos que são muitas as crianças que, necessitam ser amparadas por esta modalidade em nossas escolas.

E é essencial para qualquer educador a busca pelo conhecimento das legislações, das resoluções e políticas para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial.

Segundo a Constituição Federal (BRASIL, 1988. **Art. 205**) “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, [...]”

Como podemos ver, a educação é direito de todos, e não somente de uma parcela da sociedade. E devemos lutar para que esse direito venha ser efetivado realmente. Em continuação a Constituição Federal diz que (BRASIL, 1988. **Art. 206**) “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

E o que seria igualdade de condições para que os alunos com Síndrome de Asperger permaneçam na escola? De acordo com o capítulo V da (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Art. 58 § 1º) Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

Ressalta-se a importância do apoio educacional que essa modalidade necessita, a fim de que todos pertencentes a ela possam usufruir totalmente do direito a educação, e assim consigam ter condições de permanecer na escola e possam ter a oportunidade de conviver em sociedade como qualquer pessoa.

Conforme Resolução CNE/CEB Nº 02/2001

Art. 1º - A presente Resolução institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades.

Art 2º - Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos

com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. Art. 3º - Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Nota-se a importância da organização das escolas e dos educadores para que o atendimento especializado se concretize. É papel do educador promover o desenvolvimento das potencialidades de seus alunos com necessidades educativas especiais, promovendo o desenvolvimento das potencialidades dos mesmos, a partir de um olhar atento e que não envolva práticas excludentes na escola.

Considerando todo o processo histórico da educação especial enquanto subárea do conhecimento. Em 2008 foi criada Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Esse documento define a educação especial como modalidade de ensino que perpassa todos os níveis de educação básica, destacando ainda a importância do atendimento especializado.

Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (p. 13-14) o principal objetivo da mesma é:

[...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Esta política é de uma grande importância, pois ela tem como objetivo assegurar a inclusão aos alunos com necessidades educativas especiais, fazendo com que haja uma efetivação desde os anos iniciais da escolarização. Salientando a

importância a formação continuada dos educadores que fazem parte do atendimento especializado nas escolas.

Trazendo também a importância de um trabalho que, conte com a participação e o apoio da família e da comunidade. Assim como a acessibilidade que é fundamental em qualquer ambiente e a busca constante por materiais que auxiliem nas práticas que envolvem esta modalidade de ensino.

Ainda de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (p. 16):

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional.

O atendimento educacional especializado quando efetivado nas escolas, serve de grande apoio no desenvolvimento dos alunos. E quando há um engajamento e aperfeiçoamento dos educadores responsáveis por este atendimento, assim como um trabalho em conjunto com os professores de sala de aula e com as famílias, com toda a certeza é perceptível o desenvolvimento em todos os sentidos, das crianças que necessitam deste atendimento.

Esta política traz muitos benefícios aos alunos que necessitam deste atendimento, mostrando a importância de ser ofertado no turno inverso ao da classe comum, pois assim, há a oportunidade de se trabalhar em conjunto com os projetos de aula. Oportunizando o convívio destas crianças com os colegas em sala de aula. O que auxilia muito no desenvolvimento de todos, pois as trocas auxiliam muito neste processo.

E para implementar a Política de 2008, surge a Resolução de 2009. Ressaltando as atribuições do Atendimento Educacional Especializado (AEE), explicitando qual será o público alvo e como procederá a organização dos turnos de atendimento.

De acordo com a Resolução Nº 4, de 2 de Outubro de 2009

Art. 3º A Educação Especial se realiza em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, tendo o AEE como parte integrante do processo educacional.

- Art. 4º Para fins destas Diretrizes, considera-se público-alvo do AEE:
- I - Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.
 - II - Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

Com podemos ver no artigo 3º citado acima, a Educação Especial deve perpassar todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. E ainda ressalta que, o AEE deve ser parte integrante do processo educacional. Portanto, para que o atendimento seja efetivado nas escolas, é necessário um trabalho dos profissionais responsáveis pelo AEE, juntamente com os professores de sala de aula regular e de toda a gestão escolar.

E no artigo 4º encontramos o público alvo deste atendimento. Entre eles estão os alunos diagnosticados com Síndrome de Asperger, que apresentam principalmente, um comprometimento maior nas relações sociais. Em continuação, surge para fixar normas para a Educação Especial e para o Atendimento Educacional Especializado, a Resolução Nº436/2012. Salientando os princípios que fundamentam a Educação Especial.

De acordo com a Resolução Nº436/2012:

- Art. 3º A Educação Especial será ser fundamentada nos princípios:
- I – éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;
 - II – políticos dos deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
 - III – estéticos da sensibilidade, da criatividade, do lúdico, da qualidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais;
 - IV – da dignidade humana: identidade social, individualidade, autoestima, liberdade, respeito às diferenças, como base para a constituição e fortalecimento de valores, atitudes, conhecimentos, habilidades e competências;
 - V – da inclusão, voltados para o reconhecimento e a valorização das diferenças e potencialidades do aluno, bem como de suas necessidades específicas de educação na ação pedagógica;
 - VI – da totalidade, numa concepção integradora da ação educativa.

Que são princípios essenciais quando se trata de educação especial, pois valorizar as potencialidades dos alunos e reconhecer suas especificidades é primordial em todo o fazer docente. Assim como valorizar as manifestações artísticas, estéticas e culturais que venham a permear os alunos que fazem parte do AEE. E para finalizar, no ano de 2015 foi instituída a Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência.

Que segundo a Lei 13.146/2015:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;

VI - pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva;

IX - adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência;

X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado;

Indo ao encontro de tudo que vem sendo tratado nos demais documentos. Pode-se ver que são os princípios que fazem muita diferença, e todos eles devem ser seguidos a fim de que, se efetive realmente todas as políticas que vem sendo criadas ao longo do tempo.

Tais princípios não podem ficar só no papel. Eles precisam ser seguidos para que, haja promoção do desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, buscando tais resultados na realização de práticas inclusivas.

4 METODOLOGIA

Realizarei um relato sobre minha metodologia de pesquisa, a abordagem e o tipo de pesquisa que foi realizada, pois conhecer as características da pesquisa é fundamental para a realização da mesma. Mas primeiramente, explicarei brevemente o que fiz com que eu me interessasse por esta pesquisa.

Realizei meu estágio obrigatório em uma escola municipal de Porto Alegre e me deparei com uma turma que havia um aluno com Síndrome de Asperger. Então, com a ajuda da professora titular da turma, realizamos um projeto sobre animais, tema este que, era a preferência do aluno e que ele em sua mente, pensava que era algo somente do interesse dele. Mas pelo contrário, o projeto obteve um engajamento total da turma do início ao fim.

E a partir destas vivências, decidi revisitar os registros de meu diário de classe, a fim de analisar as intervenções realizadas por mim dentro deste projeto, para que meu aluno se sentisse participante real do grupo, pois era perceptível a necessidade que ele tinha em se sentir parte da turma realmente. Sempre manifestava à vontade em mostrar o que ele sabia sobre os animais e também mostrava o interesse pela aprovação dos colegas.

De acordo com Lüdke e André (1988, p. 11): “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”.

Partindo da ideia dos autores citados acima, meu interesse por realizar este trabalho, surgiu de práticas e acontecimentos que vivenciei naturalmente no período do estágio, surgindo assim, os dados necessários para que se caracterizasse uma pesquisa de abordagem qualitativa.

Ainda segundo Lüdke e André (1988, p. 11-12): “Como os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente, sem qualquer manipulação intencional do pesquisador, esse tipo de estudo também é chamado de naturalístico”.

Realmente, tudo ocorreu ao natural, pois nem imaginava que os estudos realizados por mim anteriormente, serviriam de dados riquíssimos para uma futura pesquisa, que se concretiza nos dias atuais. Com toda a certeza, não houve

nenhuma manipulação de minha parte para que, este estudo não acontecesse ao natural. Pelo contrário, o contexto em que me encontrara influenciou estes estudos.

De acordo com Lüdke e André (1988, p. 12)

O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes. O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.

Situações, depoimentos, fotografias, desenhos e vários tipos de documentos fazem parte dos materiais obtidos por mim, e que foram do início ao fim, essenciais para uma melhor compreensão de meus estudos. Todos os detalhes foram minuciosamente observados e levados em consideração na elaboração de minha pesquisa, pois sem eles, a pesquisa não aconteceria.

Agora que já conhecemos um pouco as características fundamentais, para que um estudo seja considerado com uma abordagem qualitativa, precisamos compreender como se caracteriza o estudo de caso, que constitui o tipo de minha pesquisa.

Muitas são as características gerais da pesquisa qualitativa associadas ao estudo de caso. Entre elas destacam-se: a descoberta, interpretação em contexto, retrato da realidade de forma completa e profunda, variedade de fonte de informação, revelam experiência vicária, representar os diferentes pontos de vista em situações sociais e utilizam uma linguagem acessível. E todas essas características citadas no excerto acima, estiveram muito presentes em minha pesquisa, consegui perceber-las facilmente.

De acordo com Lüdke e André (1988, p. 17)

O estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou do ensino noturno. O caso é sempre delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.

Como podemos perceber, o estudo de caso pode ser simples e específico, dependendo de sua complexidade. E mesmo que seja semelhante a outros casos, cada um possui sua especificidade, pois se trata de um estudo detalhado, proveniente de um interesse que surgiu de algo que valeu a pena ser estudado, e que com toda a certeza é de grande importância para aqueles que assim acreditam, pois, as experiências, mesmo sendo curtas ou duradouras, tornam-se significativas e nos tocam a fim de nos tornar seres que refletem o fazer docente.

E foi o que aconteceu comigo, tal experiência, fez com que eu mudasse meu ponto de vista e viesse a refletir nas práticas que realizamos em sala de aula, mas pensando em todos, fazendo com que o direito de viver em sociedade seja algo real. Tais práticas serão apresentadas por mim neste estudo, realizado a partir de registros feitos por mim em um diário de classe.

Documento elaborado a partir de observações iniciais na escola e na turma em que realizei minha prática docente. Tais observações, resultaram em planejamentos semanais para serem explorados com a turma. Tornando assim, este diário, um documento de importante auxílio durante todo o período de estágio.

Realizava anotações diárias que resultavam em reflexões semanais, que baseavam meus planejamentos posteriores, pois faziam com que eu refletisse minhas práticas diárias. Também possibilitava que eu enxergasse se realmente, meu objetivo com as atividades estava claro e se meu planejamento estava contemplando a todos. Com toda a certeza, estas práticas em meu diário foram de grande importância para meu aprendizado.

4.1 DO CONTEXTO

Meu estágio obrigatório foi realizado em uma escola municipal localizada na zona norte da cidade de Porto Alegre. Seus turnos de funcionamento são manhã e tarde. Pela manhã inicia-se às 7h30min com café da manhã e a entrada dos alunos para a aula é às 8h; à tarde, os alunos saem às 17h. Para as turmas do primeiro Ciclo, há a possibilidade de participar do turno integral.

A escola localiza-se em uma região periférica da cidade, tendo apenas um ônibus no sentido Centro/Bairro e Bairro/Centro, com trajeto de aproximadamente quarenta minutos. Na escola, concentram-se alunos de diversos bairros ao entorno.

A escola, iniciou suas atividades em janeiro de mil novecentos e noventa e nove. Inicialmente, a escola foi criada com o intuito de ser uma “escola de aplicação”. Um acordo entre a Instituição e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre permitiu, mediante comodato, o funcionamento da escola.

A escola encontra-se num terreno bem arborizado e com declínio. Há uma parte com construções acima e construções mais abaixo, onde concentra-se a quadra e um pátio. Na escola, encontramos as seguintes mediações: salas de aula pequenas, biblioteca (ampla), sala da direção, sala da supervisão, Sala de Integração e Recursos (SIR) secretaria, sala dos professores, sala para retirada e empréstimo de materiais, a cozinha e o refeitório. Também existe uma horta na escola, de onde sai a maioria dos legumes e verduras que são utilizadas nas alimentações dos alunos.

A escola oferece para os alunos oficinas com temas variados: Dança, Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU), Robótica, Meio Ambiente, Astrolab. A Equipe diretiva é composta por uma diretora e uma vice-diretora, a Coordenação Pedagógica por duas profissionais, a Orientação Educacional (SOE) com duas profissionais, há também uma profissional para o Setor de Coordenação Cultural e uma profissional para a Coordenação do Cidade Escola. Na sala da coordenação Pedagógica, encontramos o calendário escolar, que pode ser modificado durante o ano letivo pela escola, Conselho Escolar e pela Secretaria Municipal de Educação (SMED).

A rotina da escola acontecia da seguinte forma: às 07h30min a escola iniciava seu funcionamento, com café no refeitório. Às 08h iniciavam as aulas, a partir das 09h começava o lanche das turmas, às 10h iniciava o recreio, com vinte minutos de duração e às 11h10min, iniciava o almoço e logo após iniciava a organização para o descanso. Para os alunos que participam do turno integral, o término das atividades ocorria às 17h.

Para elaboração do Plano de Estudos da turma, a escola tem como base os Referenciais Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, em que se encontram os objetivos gerais, as possibilidades de aprendizagem e estratégias para

cada ano de cada ciclo do ensino fundamental, subdividido por área de conhecimento.

Considerando os Ciclos de Formação em sua globalidade, temos três modalidades de avaliação: formativa, somativa e especializada. A formativa consiste na avaliação trimestral destinada a informar a situação em que se encontra o educando no que se refere ao desenvolvimento de sua aprendizagem.

A avaliação somativa consiste no quadro diagnóstico geral resultante no final de cada ano letivo e de cada Ciclo de Formação, evidenciado pela avaliação formativa. E por fim, a avaliação especializada, que consiste na avaliação requerida pelos educadores e realizada pelo Serviço de Orientação Pedagógica, com apoio do Laboratório de Aprendizagem (LA) e da Sala de Integração e Recursos (SIR) e outros serviços especializados destinado aos alunos que, necessitam de apoio educativo especial, onde há um trabalho efetivo juntamente com a coordenação pedagógica da escola.

São realizados acompanhamentos diários dos professores responsáveis pelo atendimento educacional especializado, que também mantém contato diário com os professores das turmas. Realizam projetos em conjunto com os titulares, facilitando o acompanhamento dos alunos. A presença dos pais também é assídua, no que diz respeito ao acompanhamento especializado.

A professora titular utilizava recursos baseados nos objetivos que se deseja alcançar no 2º ano. Como avaliação, realizava testagens e avaliava o processo de cada criança através de atitudes perante a algumas situações, como no exemplo da leitura. A turma possuía 23 alunos matriculados, mas apenas 21 frequentaram as aulas durante o período que permaneci na escola.

4.2 PERFIL DO SUJEITO

Quando realizei meu estágio, no segundo semestre do ano de dois mil e quinze, meu sujeito de pesquisa tinha sete anos de idade. Sempre era acompanhado por sua mãe até a escola, que era muito presente na vida escolar. Mostrava-se preocupada e interessada pelos assuntos relacionados a escola.

Davi mora com seus pais, suas irmãs são casadas e não residem mais na mesma casa. Ele mora no mesmo bairro da escola, mais precisamente, na mesma rua. O que facilitava a presença assídua da família no ambiente escolar. Sua mãe, é uma pessoa muito simpática, sempre conversava comigo tranquilamente.

Davi é um aluno de classe média, seu pai e sua mãe trabalham no turno da manhã e no turno da tarde. E o fato da escola possuir turno integral facilitava para os pais, que o deixavam pela manhã e o buscavam no fim da tarde. Uma vez por semana, ele fazia aula de Karatê no centro da cidade, e por este motivo, saía mais cedo no dia que tinha que participar das aulas.

Possuía uma altura maior para a sua idade, comparada as dos demais alunos da turma. Mostrava-se muito curioso fora e dentro das aulas. Era carinhoso com as professoras e funcionários da escola, e muitas vezes se excedia, pois sempre queria abraçar e beijá-las quando as encontrava na área externa da sala de aula.

Era muito talentoso, possuía uma facilidade para desenhar e escrever histórias em pouco tempo. Possuía uma escrita muito avançada para a idade dele, apresentando apenas, dificuldades em relação a ortografia, que no segundo ano é algo normal.

Na leitura também se saía muito bem, não apresentava muita dificuldade. Nas atividades relacionadas com a matemática ele precisava de um auxílio maior para conseguir compreender, e na maioria das vezes perdia a paciência, se irritava e desistia de realizá-las facilmente.

Possuía um fascínio enorme por animais, o que tornava o tema muito presente na sua vida. Pesquisava diariamente, trazia imagens e informações de casa. Frequentava diariamente a biblioteca da escola para encontrar livros de animais. Possuía um caderno pequeno para anotar todas as informações novas que descobria em suas incansáveis pesquisas.

Criava histórias e ilustrações das mesmas com muita facilidade e na maioria das vezes, criava sem olhar para o papel. Um exemplo, foi a criação da história do canguru, que foi feita em poucos minutos na escola, com muitos detalhes e ilustrações muito bem realizadas por ele.

A diretora da escola já sabendo do interesse dele, imprimia imagens de animais sempre que Davi solicitava. Já era de conhecimento da maioria, o interesse enorme que ele tinha pelos animais. Sempre perguntava para mim se eu ia trabalhar

com esse tema com a turma. Era sempre com essa pergunta que ele me recebia na escola.

Nossa relação foi tranquila do início ao fim do período do estágio. Quando cheguei na escola, já fui informada que havia um aluno com diagnóstico de síndrome de Asperger na turma. Algumas professoras me falavam que ia ser um pouco difícil o convívio com ele, pois o mesmo era muito agressivo e até já havia batido em uma professora.

Então, comecei a observar as atitudes dele com os professores em sala de aula. E no início do período de estágio, ainda na semana de observações, a professora titular estava de licença por quinze dias, e faltava uma semana para ela retornar para as suas atividades. Conversava com ela por e-mail, meio por onde eu ficava sabendo de informações da turma.

Questionei com ela sobre o Davi, perguntei com ele era em sala de aula e como era a relação deles. A resposta foi a mais positiva possível, me informou que ele era um ótimo aluno, muito inteligente e que era fascinado por animais. E que no segundo semestre ela tinha costume de explorar este tema, e que se fosse meu desejo também, poderíamos pensar em um projeto relacionado, pois auxiliaria muito a turma e meu sujeito de pesquisa.

Era visível que pelo fato dele ter esse interesse muito grande por um tema específico, os animais, as atitudes dele se tornavam repetitivas, pois ele só sabia falar do mesmo assunto. E isso tornava a relação dele com os colegas não ser muito boa, pois muitos relatavam que não aguentavam mais ouvir falar de animais e alguns já falavam que ele se tornava chato por sempre pensar e falar a mesma coisa.

Na mente dele, ninguém da turma gostava de animais e conseqüentemente, não gostavam dele também. A fala dele na maioria das vezes era: ninguém gosta de animais e ninguém gosta de mim. E nos momentos de atividades em aula, onde todos sentavam em grupos aproximadamente quatro alunos, ele ficava criando histórias e colorindo.

Por diversas vezes, percebi que ele ficava sozinho no recreio ou tentando brincar e conversar com os colegas sobre o que ele mais gostava. E quando não estava no pátio, estava na biblioteca lendo livros de animais. Certa vez, uma aluna veio comentar comigo que não gostava dele, o achava chato e insistente. E reclamava que ele sempre tentava abraçar ela a força.

Era notória a vontade de ter amigos, pois não conseguia se controlar. Até nos momentos da aula ele tentava abraçar e beijar os colegas a força, mas não com intenção de machucar, era a forma que encontrava para conseguir se aproximar dos colegas, pois não conseguia concretizar uma conversa sobre outros assuntos que não fossem sobre o que ele mais gostava, animais.

Muitas vezes o encontrava com semblante triste pelos corredores da escola. E quando ia conversar com ele e mostrava meu interesse por ouvi-lo, percebia que seus olhos brilhavam. Me falava as curiosidades que sabia, e não eram poucas. Quanto mais eu manifestava meu interesse, mais ele se animava a falar mais.

Tinha certeza que o desejo dele era que os colegas tivessem o mesmo interesse como eu tinha em ouvi-lo falar. Ainda na semana de observações, eu presenciei uma cena que, me fez perceber bem a rejeição da turma em relação a ele, e conseqüentemente ao tema.

Ele pediu para a professora uma oportunidade de falar na frente da turma sobre algo que ele havia pesquisado, a professora prontamente respondeu que após o término da atividade que ela estava realizando, ele poderia sim ter a oportunidade desejada.

Depois do fim da atividade, a professora disse para a turma que ela havia cedido um minuto para o colega falar algo sobre uma pesquisa que havia feito. Sem menos esperar, uma aluna já saiu falando em alto e bom som: *Ah não, lá vem esse chato com os animais*. E a maioria da turma a acompanhou nas falas.

A professora não aprovou nenhum pouco a atitude da turma e solicitou respeito ao colega que, desejava apenas compartilhar algo que havia pesquisado. Então, ele começou a falar, mas era notória a falta de atenção da turma durante a fala do colega, assim como, o descontentamento com a atitude do colega em querer repartir o que aprendera de novo.

Todos estes acontecimentos e atitudes de exclusão, alimentava ainda mais o sentimento de rejeição dentro de Davi. Que externava em casa para a mãe os acontecimentos. Em razão disso, conversei com a mesma, que me falava que desejava muito que ele se sentisse bem na turma e que mantivesse uma boa relação com os colegas. Confessou que estava muito preocupada, pois já havia presenciado algumas situações excludentes dos colegas em relação ao seu filho, inclusive na fila para a entrada na sala de aula.

Tudo isso, foi mexendo muito comigo, não podia deixar que práticas excludentes fossem alimentadas diariamente. Precisava fazer algo, mesmo que fosse no pouco tempo que ficaria na turma. Alguma coisa eu teria que fazer. Foi então, que decidi realizar o projeto sobre animais juntamente com a professora.

5 MERGULHANDO NO MUNDO DOS ANIMAIS

Como já mencionei anteriormente, meu sujeito de pesquisa alimentava um fascínio pelos animais. Tema que era predominante em suas conversas. Me lembro muito bem de quando cheguei na escola, a primeira pergunta dele para mim foi: *Você vai trabalhar com os animais com a gente? Por favor, por favor?*

Respondi a ele que, futuramente sim. Mas na verdade ainda não sabia qual o projeto que iria explorar, pois ainda não havia conversado com a professora titular e ainda precisaria realizar as observações na turma. Sabia que de qualquer forma, eu iria explorar os animais, mais ainda não havia a certeza que seria um projeto exclusivo para o tema.

A cadeira de estágio exigia duas semanas de observação na turma, para conseguir coletar informações que nos levariam a criar um projeto. No entanto, como eu já havia realizado observações em outra escola, e em razão de uma greve, o processo teve que ser interrompido. O que resultou na redução de uma semana de observações, pois o tempo já estava apertado e não poderia perder mais tempo.

Como ainda não havia falado pessoalmente com a professora titular, iniciei a semana de observação prestando a atenção em todos os detalhes possíveis. Cada dúvida era anotada, para ser esclarecida posteriormente quando a professora retornasse.

Na semana posterior iniciaria a prática, então decidi levar alguns objetos em uma caixa surpresa, com intuito de me apresentar oficialmente para a turma, que até então, eu era apenas uma visita na sala de aula. E nesta caixa havia alguns objetos como: bolha de sabão, corda de pular, gibis, caderno, canetas, um macaco de pelúcia e outros mais.

Cada vez que retirava um objeto, explicava o motivo daquele objeto estar ali. Eles foram e identificando com maioria dos itens que estavam na caixa. Eu também dava um tempo para que eles tivessem a oportunidade de verbalizar um pouco sobre o que eles gostavam também.

Quando chegou na parte do macaco de pelúcia, a turma agiu normalmente, mas D, agitou-se muito, percebi que ele havia gostado muito, pois já começou a falar tudo que sabia sobre os macacos. A turma sem muita paciência, pediu para eu passar para o próximo objeto. Mas deixei ele continuar e expliquei que o colega só

estava querendo compartilhar algo com turma, e que era preciso atenção no momento, pois quando alguém está falando, por questão de respeito ao colega, é preciso silêncio e compreensão. Ainda expliquei que, o mesmo deveria acontecer quando eles também tivessem algo para dizer.

Encerrando essa atividade, guardei meus materiais, conduzi as crianças para o recreio e fui para o intervalo. E logo me deparei com Davi correndo ao meu encontro e falando: *Você pode me dar o seu macaco? Por favor? Deixa eu levar ele para a minha casa. Eu já o amo como se fosse meu! Eu vou cuidar muito bem dele.*

Fiquei surpresa, mas expliquei que, naquele dia ele não poderia levar, e que outro dia eu deixaria. Ele não gostou muito da minha resposta, ficou muito desapontado e disse em alto e bom som: *Eu te odeio, nunca mais quero falar com você.* E saiu chorando pelos corredores da escola.

Me senti muito má, pois nunca havia me deparado com uma situação assim, preocupei-me com a reação que ele teve. Mas eu não poderia dar o macaco a ele, como iria explicar para a turma que somente um colega pôde levar o animal de pelúcia para casa? Logo após, encontrei Davi sozinho no pátio da escola, que agiu com maior tranquilidade, conversou normalmente comigo, como se nada tivesse acontecido momentos antes.

A partir desse acontecimento, comecei a pensar em propostas que pudessem fazer com que Davi e a turma interagissem de uma forma coletiva, sem que houvesse nenhuma prática de exclusão. Precisava também pensar em propostas que fizessem que D não se sentisse excluído da turma, mas sim participante da mesma.

Então, esperei a professora titular retornar para conversarmos sobre meu projeto de estágio. Quando ela retornou, conversamos e ela me informou que sempre explorava no segundo semestre do ano, o tema: seres vivos, que incluía os animais.

Era também um desejo dela que meu sujeito de pesquisa se sentisse bem com os demais colegas e que conseguisse se sentir parte da turma. E um projeto sobre animais ajudaria muito neste processo, pois era notório que as crianças diziam que não gostavam dos animais, pelo fato de não se sentirem bem com a insistência de Davi. Mas no fundo era uma reação contrária ao colega também e isso poderia continuar sendo alimentado.

Figura: Macaco de Pelúcia



Fonte: Acervo Pessoal

5.1 PROPOSTAS DE INCLUSÃO

A duração do estágio seria de trezentas horas. Divididas em quatorze semanas aproximadamente, com início do projeto no dia vinte e oito de setembro de dois mil e quinze, totalizando dez semanas de planejamentos.

Então, a partir dos acontecimentos citados por mim, comecei a pensar em propostas para explorar o tema animais com a turma nesse período determinado. Confesso que não foi algo fácil, pois eu tive que pensar em atividades que contemplassem a totalidade da turma, pois haviam também alunos com outros compromettimentos e que necessitavam de um acompanhamento maior.

Como foram dez semanas de planejamentos, e formas muitas as propostas realizadas, selecionarei algumas delas para explicitar ao longo deste capítulo. Relacionadas a matemática, linguagem, ciências da natureza e artes. Nas quais Davi se destacou muito, pois realizava produções maravilhosas. Desenhava todos os tipos de animais que poderia existir.

Uma perfeição sem tamanho, desenhava até de olhos fechados. Todos se maravilhavam com as obras primas que ele fazia. Vários professores pediam para que ele criasse desenhos para que eles pudessem guardar. Ele possuía uma facilidade enorme em criar os desenhos e as histórias.

Sua mãe contava que ele chegava em casa e já ia desenhar em seu caderno de desenho e seu pai o ajudava nas pesquisas na internet. Sempre que podia, imprimia imagens para que ele reproduzisse.

O professor responsável pelo AEE na escola, realizava intervenções com ele a respeito dos animais também. Certa vez, eles criaram um desenho muito lindo de um cisne com colagens de papel. Ele adorava ir para os atendimentos, pois lá ele criava muitas produções com o professor.

5.2 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Diário do Tampinha

A primeira estratégia foi a elaboração do Diário do Tampinha⁴. Com objetivo de explorar a escrita, exercitar a escuta do outro e instigar o respeito, pois todos teriam que esperar a sua vez de ficar com o macaco. Era uma atividade permanente, pois toda a semana o macaco ia para a casa de um aluno e ficava dois dias com ele.

Eles tinham que descrever no diário, os momentos que eles passavam com o objeto. E quando chegasse o momento da devolução, cada um tinha a oportunidade de contar para a turma o que aconteceu de interessante naqueles dias. Foram muito interessantes os relatos de cada um.

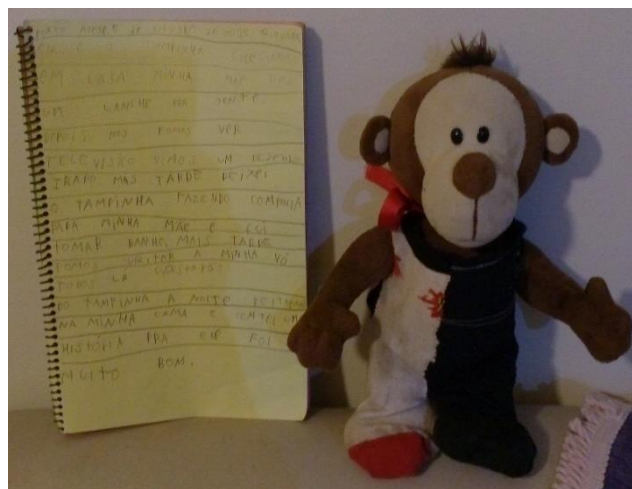
Davi adorou a ideia, pois ele queria muito estar com o macaco. Foi uma forma que encontrei para que todos pudessem estar com o Tampinha. E havia algumas crianças que no início falavam que não iriam querer levar o macaco, pois achavam algo infantil, mas no fim levaram e adoraram a experiência.

Era perceptível a felicidade de Davi, ele soube esperar a sua vez de levar o animal de pelúcia para a sua casa, pois havia uma tabela organizada por ordem alfabética. Devolveu no dia combinado e relatou muito bem para a turma os momentos que passaram juntos.

⁴ Nome escolhido para o macaco de pelúcia, de forma coletiva pela turma por meio de uma votação.

Esta atividade fazendo com que aos poucos, a turma respeitasse os turnos de fala dos colegas. Por que cada vez que o colega se posicionava na frente da turma, eles escutavam com muita atenção a fala do colega, pois estavam curiosos para saber o que havia acontecido. Aos poucos íamos conversando a respeito de saber ouvir para ser ouvido. E já se podia ver Davi mais a vontade com a turma e vice versa.

Figura: Tampinha e seu Diário



Fonte: Acervo Pessoal

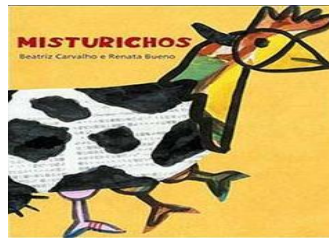
Misturichos

A atividade dos Misturichos consistia em realizar misturas de dois animais, a partir da leitura do livro. Cada um escolheria os animais para misturar e criaria uma frase sobre sua mistura em uma folha e depois apresentaria para a turma. Foi muito interessante esta atividade, pois surgiram misturas muito engraçadas.

Novamente eles puderam exercitar a escuta do outro através desta atividade. Cada um teve a oportunidade de ouvir e também ser ouvido pela turma. Davi se sentiu muito a vontade em realizar a proposta e surpreendeu com a sua produção.

Aos poucos o projeto ia se desenvolvendo e a aceitação da turma com o tema ia aumentando cada vez mais, o que me deixava muito contente, pois era perceptível o interesse de todos.

Figura: Livro Misturichos



Fonte: Acervo Pessoal

Figura: Produção de D



Fonte: Acervo Pessoal

Macaco Comilão

Sempre que havia atividades relacionadas a matemática Davi se irritava muito, pois não conseguia realizá-las em pouco tempo. Confundia os sinais de subtração com o sinal de adição. Na maioria as vezes ele tentava realizar, mas quando íamos conferir o resultado e ele percebia que não estava correto, o desapontamento tomava conta, fazendo com que ele se cansasse e desistisse da atividade.

Partindo disto, e aproveitando a dica de uma professora que mostrou em uma aula de seminário, resolvi realizar uma atividade do macaco comilão, que tinha os

seguintes objetivos: Resolver operações de subtração com auxílio de materiais concretos e interpretar; e resolver situações-problema do campo aditivo.

Que funcionou da seguinte forma: em uma caixa com imagem de um macaco com a boca aberta. Expliquei que, o macaco possuía quinze bananas, mas ele estava com muita fome. E cada vez que ele comesse, teríamos que descobrir com quantas bananas ele ainda ficou. Cada aluno teria a oportunidade de jogar o dado e, dependendo da quantidade que saísse no dado, o macaco comeria as bananas.

E explicitiei : André tirou no dado o número 5, então ele colocará cinco bananas na boca do macaco. Questionei: Se o macaco tinha quinze bananas e comeu cinco delas, ele ficou com mais ou menos bananas? Menos, muito bem. Então, como será o cálculo que iremos ter que fazer para descobrir com quantas bananas ele ficará? $15 - 5 = 10$, muito bem!

Para finalizar, eles teriam que registrar em uma tabela as operações realizadas. Depois das instruções, iniciou-se a atividade. Toda a turma gostou e D principalmente. Já queria iniciar, mas combinamos que cada um teria a oportunidade de fazer, e sortearíamos a ordem dos grupos para a realização da atividade.

Porém no início, Davi apresentou-se um pouco inquieto, pois ainda não havia compreendido bem como anotar os dados na tabela, e não sabia como solucionar a fórmula matemática. Mas como estava em um grupo de quatro alunos, recebeu a ajuda de seus colegas.

Figura: Macaco Comilão



Fonte: Acervo Pessoal

Figura: Tabela de Registros de Davi

MACACO COMILÃO

| TOTAL | COMEU | SOBROU | F.M. |
|-------|-------|--------|---------------|
| 15 | 6 | 9 | $15 - 6 = 9$ |
| 15 | 3 | 12 | $15 - 3 = 12$ |
| 15 | 4 | 11 | $15 - 4 = 11$ |
| 15 | 2 | 13 | $15 - 2 = 13$ |
| 15 | 5 | 10 | $15 - 5 = 10$ |

Fonte: Acervo Pessoal

Curiosidades dos Animais

Esta atividade foi muito interessante, e aconteceu da seguinte maneira: levei para a turma um livro que abordava as características dos animais. Realizei a leitura e logo após, pedi para que Davi se colocasse a frente da turma e falasse um pouco sobre as características dos animais que ele conhecia para os colegas.

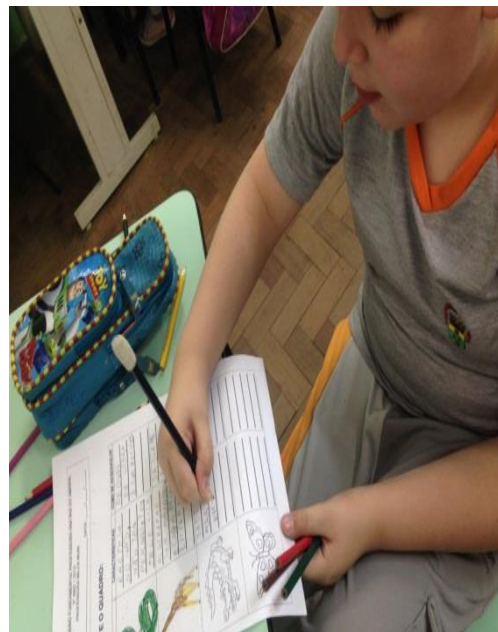
Solicitei que a turma prestasse a atenção, por que depois realizaríamos uma atividade a respeito. Então, Davi fez suas contribuições com muita alegria, e não eram poucas as contribuições. Feito isso, expliquei que faríamos um cartaz sobre as curiosidades dos animais, e que eles poderiam procurar em livros e solicitar a ajuda do colega, já que ele pesquisava muito sobre o assunto. O resultado foi um cartaz com desenhos e informações dos animais obtidas com a ajuda de Davi.

Figura: Livro sobre Características dos Animais



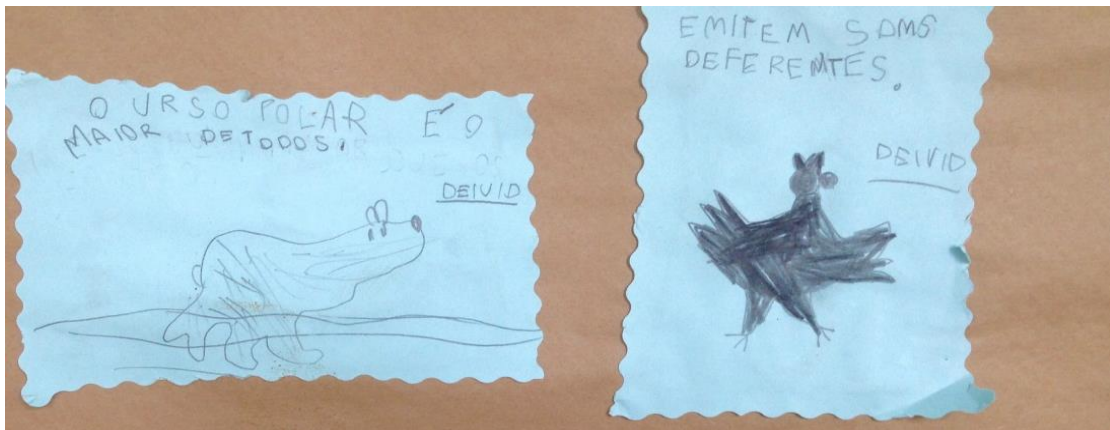
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura: Davi realizando atividades



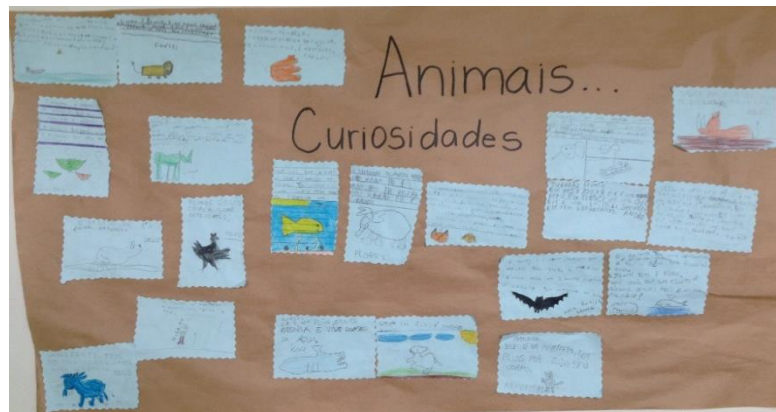
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura: Algumas das produções de Davi no cartaz das características dos animais



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura: Cartaz com as contribuições da turma



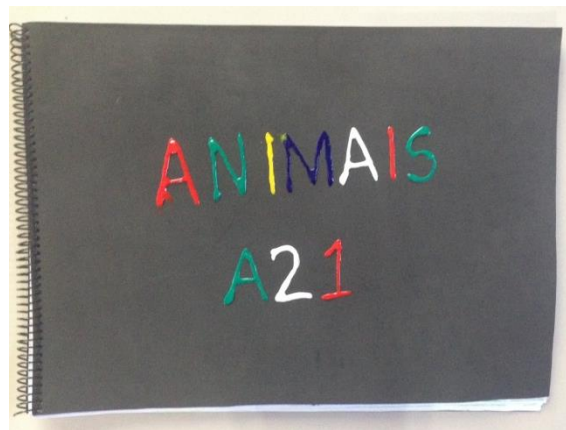
Fonte: Arquivo Pessoal

Livro dos Animais e Encerramento

O livro dos Animais foi a culminância do projeto juntamente com o diário do tampinha. Cada aluno recebeu uma folha tamanho A3, e nesta folha teve a oportunidade de desenhar e escrever sobre o que aprendeu sobre os animais durante o projeto.

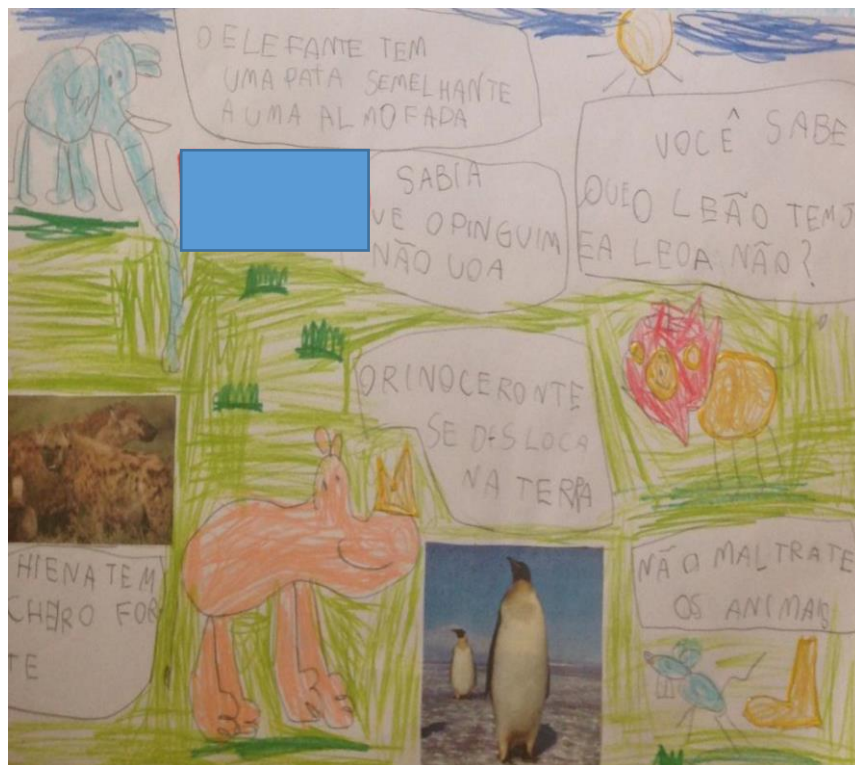
E para finalizar, realizamos uma festa de encerramento. Que recebeu o título de Festa do Pijama, por que exploramos um livro que acontecia uma festa do pijama e a turma desejava muito ter uma também. Foi uma festa muito divertida, houve muito entreterimento e entrosamento da parte da turma. Brincaram, cantaram e dançaram.

Figura: Livro dos Animais



Fonte: Acervo Pessoal

Figura: Página de Davi no livro dos animais



Fonte: Acervo Pessoal

Figura: Festa do Pijama



Fonte: Arquivo Pessoal

Algumas das produções de Davi

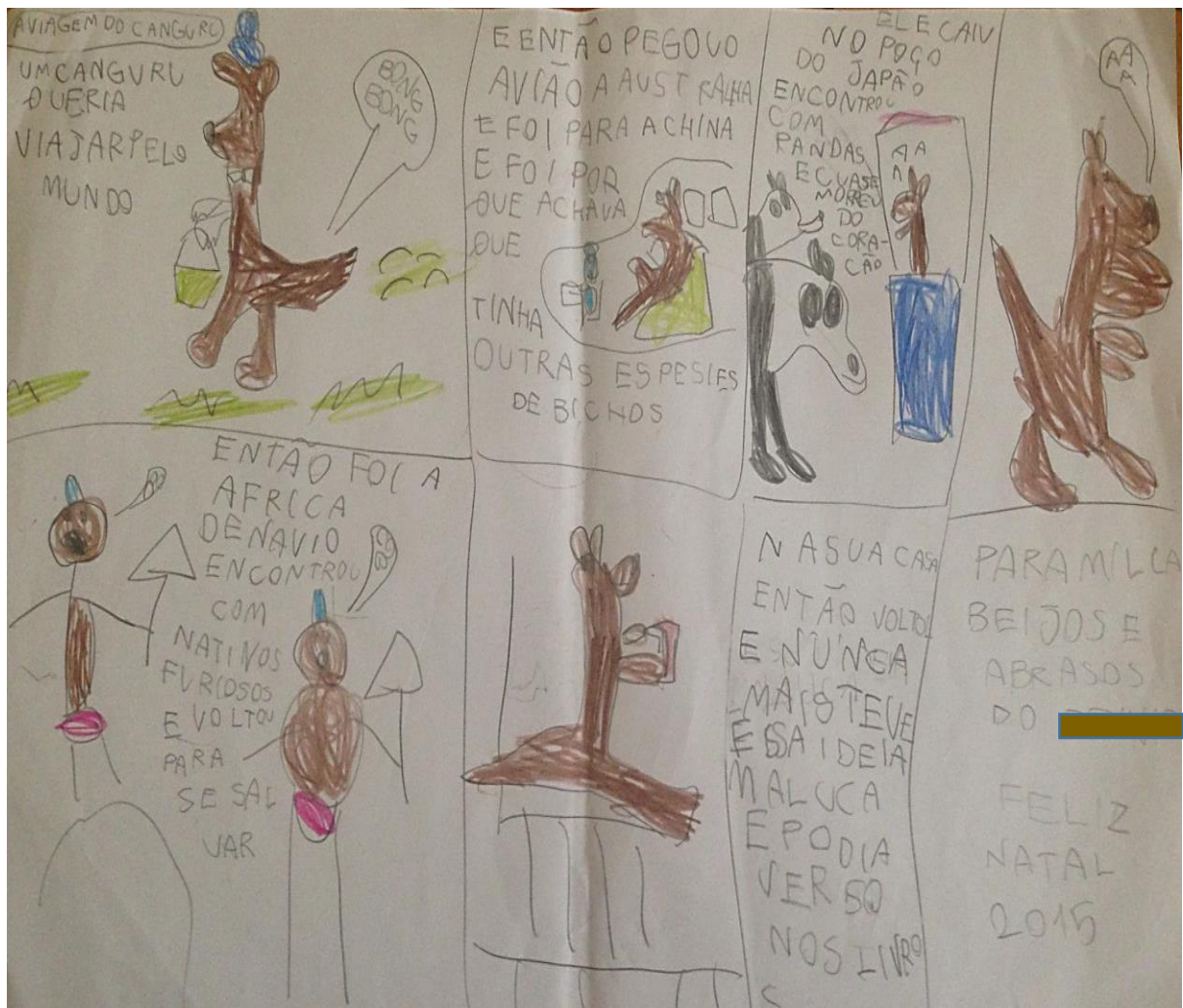
Para finalizar, segue duas produções que, podemos perceber a habilidade que ele possuía em criar desenhos e histórias. Realizava com rapidez e na maioria sem olhar para o que estava fazendo. Simplesmente fluíam sem muito esforço, pois era algo natural e importante para ele.

Figura: Desenho sobre Relação Animal/Ambiente



Fonte: Acervo Pessoal

Figura: História do Canguru feita por ele



Fonte: Acervo Pessoal

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que é de extrema importância lembrar os objetivos que permearam minha pesquisa, pois facilitará neste momento tão importante, que são as reflexões obtidas na realização do trabalho.

Avaliar um plano baseado em propostas inclusivas, que visavam extinção de práticas excludentes que, cresciam em uma turma de segundo do município de Porto Alegre. Turma na qual, encontrei um aluno com Síndrome de Asperger e que não se sentia participante do grupo.

Então, a partir do interesse grande que ele sentia pelos animais, elaborei um projeto, a fim de que a turma e meu sujeito de pesquisa interagissem e trabalhassem em grupo. E todas as propostas foram documentadas em um diário de classe, assim como, as impressões a respeito das mesmas.

Sei que foram poucas semanas de projeto, mas aproveitei ao máximo que eu pude a oportunidade, pois é muito difícil para qualquer pessoa não se sentir parte de um grupo. E tentar fazer de tudo para que, os colegas gostem do que nos interessamos, pois é importante para nós.

Me sentia muito mal quando percebia que as crianças não gostavam de estar perto de meu sujeito de pesquisa, pois via que ele apenas queria ter alguém para conversar e compartilhar o que pesquisava com muita dedicação. Fazendo com que ele agisse de forma insistente para conseguir a aprovação dos colegas, mas na verdade estava conseguindo um afastamento cada vez maior de sua turma.

Ao passo que o projeto ia se desenvolvendo, eu podia ver que a turma estava envolvendo-se com o assunto de tal forma que, não falavam mais com reprovação sobre os animais. Pelo contrário, traziam contribuições, pesquisavam e pediam ajuda ao meu sujeito de pesquisa. Que outrora era visto como um inconveniente em sala de aula e fora também.

Interagiam cada vez mais com Davi nas atividades propostas e solicitavam que ele os ajudassem nos desenhos de animais. Fazendo com que Davi se mostrasse feliz em ajudar os colegas, e mais feliz ainda em saber que, os colegas também estavam mostrando interesse por algo que ele gostava.

As discussões nos momentos das atividades em grupo, deram lugar ao trabalho efetivo em grupo, pois todos estavam envolvidos com o assunto que estava sendo abordado.

E as habilidades que Davi possuía na realização de desenhos e histórias estava sendo aproveitada nas atividades do projeto. O que antes era um escape para os momentos difíceis, agora era um incentivo para os colegas, pois todos queriam que seus desenhos fossem semelhantes aos de Davi.

Presenciar estas mudanças me deixou muito contente, pois através de um simples projeto, muitos aprendizados aconteceram. Não só Davi e para os alunos, mas principalmente para mim que estou em processo de formação. Com toda a certeza, esta foi uma grande experiência para mim.

Por que nós, futuros educadores precisamos estar com o olhar atento ao que acontece nas nossas salas de aula. A fim de que, práticas excludentes não sejam alimentadas diariamente. E não é uma tarefa fácil, mas só através da inserção de práticas inclusivas, a diferença não será vista como algo ruim.

De acordo com Eizirik (2001, p. 9)

Trabalhar com o “diferente” é estar também neste “não lugar”, movediço, incerto, refazendo-se e reconstruindo-se a todo o momento, utilizando o desafio da dificuldade como motor para a construção de novos sentidos e realidades desse ensino que é tão “especial”.

Saber que, todos nossos alunos são únicos e, na especificidade de cada um podemos encontrar a base para o início de uma mudança, é algo gratificante. E deve ser discriminado com mais intensidade nas salas de aula, pois só assim nossos alunos não verão o diferente como algo incomodo, mas sim, essencial como cada um é, em um grupo.

REFERÊNCIAS

VALDEZ, Daniel. **Necesidades educativas especiales em transtornos del desarrollo**. Argentina: Aique Educación, 2009. P. 14-22.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais INEP. **Educação Especial**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/educacenso/educacao-especial>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

APSA. 2007. **Síndrome de Asperger. Guia para professores. Estratégias práticas para aula**.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 15 mai. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº02, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Política Pública de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducospecial.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº04, de 02 de outubro de 2009. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2016

BRASIL. Lei nº 13146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 15 mai. 2016.

BRASIL. **LDB – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 mai. 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1998.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Educação e escola: aventura institucional.** Porto Alegre: Age, 2001.